



REVISTA

Cadernos de Educação

FaE | PPGE | UFPel

DOSSIÊ | Narrativas (Auto)Biográficas em Processos Formativos

Narrativas pedagógicas na Educação Infantil: documentação de experiências no cotidiano escolar

Pedagogical narratives in Early Childhood Education:
documentation of experiences in everyday school

Narrativas pedagógicas en la Educación Infantil:
documentación de experiencias en el día a día escolar

Jane Adriana Vasconcelos Pacheco Rios
Daniela Almeida de Oliveira Lima

RESUMO

Este artigo discute a potencialidade das narrativas pedagógicas como instrumentos formativos de (re)construção de saberes e experiências na educação infantil. O estudo enfatiza a importância da experiência docente narrada como produção de saberes pedagógicos, possibilitando a construção coletiva e a resignificação das práticas educativas. Trata-se de uma pesquisa narrativa e (auto)biográfica, baseada na documentação narrativa de experiências pedagógicas, desenvolvida por meio de rodas de conversa que propiciaram um ambiente de escuta sensível, diálogo reflexivo e interpretação coletiva das experiências de três professoras atuantes em Centros Municipais de Educação Infantil de Salvador. A análise foi realizada a partir da tematização pedagógica que evidenciou como o compartilhamento das narrativas das docentes ativa memórias e identidades em processo, revelando saberes antes silenciados sobre suas experiências de inclusão e diversidade. Essa abordagem insere-se numa epistemologia plural, que valoriza a diversidade das experiências e favorece a emancipação e a construção de redes educativas e culturais mais inclusivas. Desse modo, as narrativas pedagógicas cartografadas foram analisadas e tematizadas a partir de um trabalho hermenêutico construído em um processo de auto/co/conformação docente. Essas experiências apresentam-se como campos vivos de formação, marcados por tensionamentos, deslocamentos e pela invenção cotidiana de experiências pedagógicas que reconhecem e afirmam a diferença como princípio educativo.

Palavras-chave: narrativas; educação infantil; formação docente; experiência pedagógica.

ABSTRACT

This article discusses the potential of pedagogical narratives as formative tools for (re)constructing knowledge and experiences in early childhood education. The study emphasises the importance of narrated teaching experience as a means of producing pedagogical knowledge, enabling the collective construction and reframing of educational practices. This is a narrative and (auto)biographical research study based on the narrative documentation of pedagogical experiences, developed through conversation circles that fostered an environment of sensitive listening, reflective dialogue, and collective interpretation of the experiences of three teachers working in Municipal Early Childhood Education Centres in Salvador. The analysis was carried out based on pedagogical thematisation, which showed how sharing the teachers' narratives activates memories and identities in process, revealing previously silenced knowledge about their experiences of inclusion and diversity. This approach is part of a plural epistemology that values the diversity of experiences and favours emancipation and the construction of more inclusive educational and cultural networks. Thus, the mapped pedagogical narratives were analysed and thematised based on hermeneutic work constructed in a process of teacher self/co/conformation. These experiences present themselves as living fields of training, marked by tensions, displacements, and the daily invention of pedagogical experiences that recognise and affirm difference as an educational principle.

Keywords: narratives; early childhood education; teacher training; pedagogical experience.

RESUMEN

Este artículo analiza el potencial de las narrativas pedagógicas como instrumentos formativos para la (re)construcción de conocimientos y experiencias en la educación infantil. El estudio destaca la importancia de la experiencia docente narrada como producción de conocimientos pedagógicos, lo que permite la construcción colectiva y la reinterpretación de las prácticas educativas. Se trata de una investigación narrativa y (auto)biográfica, basada en la documentación narrativa de experiencias pedagógicas, desarrollada a través de círculos de conversación que propiciaron un ambiente de escucha sensible, diálogo reflexivo e interpretación colectiva de las experiencias de tres profesoras que trabajan en Centros Municipales de Educación Infantil de Salvador. El análisis se realizó a partir de la tematización pedagógica que evidenció cómo el intercambio de narrativas de las docentes activa memorias e identidades en proceso, revelando conocimientos antes silenciados sobre sus experiencias de inclusión y diversidad. Este enfoque se inscribe en una epistemología plural, que valora la diversidad de experiencias y favorece la emancipación y la construcción de redes educativas y culturales más inclusivas. De este modo, las narrativas pedagógicas cartografiadas se analizaron y tematizaron a partir de un trabajo hermenéutico construido en un proceso de auto/co/conformación docente. Estas experiencias se presentan como campos vivos de formación, marcados por tensiones, desplazamientos y por la invención cotidiana de experiencias pedagógicas que reconocen y afirman la diferencia como principio educativo.

Palabras clave: narrativas; educación infantil; formación docente; experiencia pedagógica.

Introdução

Narrar, dar-se a ler, reescrever e comentar constitui um exercício que insere o(a) docente no círculo hermenêutico do vir-a-ser de sua própria experiência. Compreendidas como dispositivo de *pesquisaformação*, as narrativas assumem a experiência como produtora de sentidos, estéticas e posicionamentos que atravessam a prática pedagógica, instaurando movimentos éticos, estéticos e políticos na formação docente. Nesse horizonte, a investigação narrativa é concebida neste estudo como um processo de colaboração entre pesquisadores e professores(as), centrado no viver, contar e recontar histórias que configuram a vida em sua dimensão individual e coletiva, reafirmando o papel da docência como prática social, cultural e política.

No âmbito da educação infantil, as narrativas são compreendidas como formas de habitar a experiência pedagógica, reconhecendo que as histórias das professoras que integram esse contexto não se configuram como relatos estáticos ou meramente descritivos, mas como processos dinâmicos de construção de significados. Tais significados emergem das dimensões individual e social, articulando-se em uma contínua troca entre o vivido e a interpretação coletiva, o que contribui para uma compreensão profunda e plural das práticas educativas. A confiança e o diálogo estabelecidos entre pesquisadoras e participantes fortalecem o compartilhamento de experiências e a coautoria do conhecimento, revelando a complexidade das vivências humanas e promovendo a constante construção identitária. Esse movimento de reflexão, escuta e partilha favorece a construção de saberes e contribui para tornar visíveis aqueles que antes foram subalternizados.

Nesse contexto, a diversidade emerge como elemento central, atravessando os modos de viver, aprender e ensinar. Ela se apresenta no cotidiano escolar como um emaranhado de práticas, relações e significados que desafiam e, ao mesmo tempo, potencializam o trabalho docente. Compreender como essas interpenetrações se manifestam na prática pedagógica constitui um caminho fecundo para refletir sobre a formação docente. Partindo dessa perspectiva, o presente estudo buscou compreender, por meio das narrativas, de que forma a diversidade enreda e ressignifica as experiências pedagógicas na educação infantil. A escolha pelas narrativas fundamenta-se na concepção

de que elas constituem práticas coletivas de memória, reflexão e formação, capazes de revelar saberes outros, sentidos ocultos da docência e provocar tensionamentos nos modos de conceber a escola e seus sujeitos. Dessa maneira, a análise das narrativas pedagógicas tornou-se um caminho para compreender como os saberes são construídos na relação com as diferenças na educação infantil e, conseqüentemente, como estas são acolhidas, problematizadas e transformadas em práticas educativas.

Dessa forma, o estudo propõe discutir como as experiências pedagógicas das professoras da educação infantil são entrelaçadas pelas questões da diversidade, evidenciando a potência dos movimentos de reflexão e de construção de sentidos desencadeados pelas narrativas docentes. Ao cartografar tais experiências e tematizá-las, buscamos valorizar a docência em sua complexidade, reconhecendo-a como um processo de auto/co/conformação (Rios, 2022), permeado por tensões, deslocamentos e invenções que afirmam a diferença como princípio educativo.

Compreender a diferença a partir das experiências narradas implica reconhecer a potência da pesquisa narrativa e (auto)biográfica como caminho metodológico e formativo. Essa abordagem transcende o simples levantamento de histórias individuais, possibilitando a construção de sentidos coletivos nos quais memória, subjetividade e experiência se entrelaçam. Narrar consiste, ao mesmo tempo, em revisitar e ressignificar o vivido; transformar acontecimentos cotidianos em conhecimento compartilhado, permitindo que as professoras se reconheçam como autoras de suas práticas e como produtoras de saberes pedagógicos.

Neste sentido, a pesquisa narrativa e (auto)biográfica demonstra-se fecunda para a educação, pois abre espaço para a escuta sensível, a produção de diálogos reflexivos e para a emergência de dimensões frequentemente invisibilizadas da docência. Partimos do pressuposto de que, ao serem narradas, as experiências não registram apenas acontecimentos, mas também os ressignificam, produzindo sentidos formativos para quem narra e para quem escuta. Para isso, utilizamos a documentação narrativa de experiências pedagógicas - dispositivo político epistemo-metodológico - que apresentou-se como um percurso metodológico poderoso para a *pesquisaformação* (Bragança, 2018), por possibilitar que as professoras narradoras da investigação - atuantes

dos Centros Municipais de Educação Infantil de Salvador - revisitassem seus cotidianos, valorizassem seus saberes e construíssem coletivamente novas compreensões ao vivido. Mais do que simples registro, esse movimento abriu espaço para a escuta e o diálogo reflexivo, constituindo um campo de formação contínua e compartilhada.

Diante do exposto, este artigo organizou-se em dois movimentos principais. O primeiro apresenta os fundamentos da pesquisa narrativa e (auto)biográfica, situando a documentação narrativa de experiência pedagógica como dispositivo epistemo-metodológico da *pesquisaformação*. O segundo aborda o processo de tematização pedagógica, evidenciando como o diálogo entre pares possibilitou revisitar práticas e produzir novas compreensões sobre os enredamentos da diversidade no trabalho com a documentação narrativa de experiências pedagógicas, destacando as formas pelas quais a diversidade se entrelaça às experiências pedagógicas, abrindo caminhos para outras concepções da docência na educação infantil.

Pesquisa narrativa e (auto)biográfica no cotidiano escolar

As narrativas pedagógicas do cotidiano escolar, quando produzidas, compartilhadas e revisitadas, inserem o sujeito em um movimento contínuo de compreensão e interpretação da experiência docente em permanente transformação. Mais do que relatar vivências, tais narrativas instauram novos sentidos e reflexões que desestabilizam formas tradicionais de produzir saber, abrindo espaço para perspectivas plurais de compreensão da prática pedagógica. Como observa Suárez (2022), a narrativa pode conduzir à construção de outra política de conhecimento no cotidiano escolar, orientada pela valorização das experiências, pela multiplicidade de vozes e pela reinvenção da docência em sua dimensão ética, estética e política.

Clandinin e Connelly (2015) nos lembra que a vida cotidiana é tecida por fragmentos narrativos, sempre localizados em tempos e espaços específicos, manifestos e compreendidos como unidades narrativas e suas descontinuidades. O que significa que não vivemos uma história contínua e uniforme, mas fragmentada, feita de pedaços que ganham sentido quando são

narrados. Essas descontinuidades são parte constitutiva da experiência: há lacunas, silêncios, questionamentos, esquecimentos e reinterpretações. Assim, narrar é também reorganizar essas unidades fragmentadas, reconhecendo que o vivido se reconfigura quando narrado. Ao compreender a vida dessa forma, como um *mosaico de fragmentos* narrativos, reconhecemos que a pesquisa narrativa é um campo fértil para escutar e dar forma ao que, muitas vezes, permanece disperso ou silenciado.

Nessa direção, Rios (2016) compreende a narrativa como um dispositivo de *pesquisa formação*, no qual a experiência torna-se produtora de sentidos, estéticas e modos de ser professor(a). A narrativa, assim, constitui um dos caminhos mais fecundos para representar e compreender a experiência, uma vez que o pensamento narrativo não é apenas forma de organizar o vivido, mas também chave epistemológica para escrever, interpretar e elaborar a prática docente. Por esse viés, a autora entende as narrativas como modos de habitar a experiência pedagógica e a colaboração entre o pesquisador e os participantes torna-se um eixo central. Nesse cenário, as narrativas docentes não são meros relatos estáticos, mas um processo dinâmico de criação de significados, produzidos individual e coletivamente, em um processo dialógico em que as experiências são compartilhadas entre pares.

É nesse horizonte que se situam as pesquisas narrativas e (auto)biográficas, concebidas como processos que unem experiência, reflexão e formação. A pesquisa narrativa e (auto)biográfica fundamenta-se nessa compreensão das experiências de vida como fontes legítimas e privilegiadas de conhecimento, constituindo um campo epistemológico que valoriza as experiências dos sujeitos como central para a produção de saberes. Essa abordagem parte do pressuposto de que narrar e recontar as próprias experiências permite a construção de significados, favorecendo a reflexão crítica, a autocompreensão e a conscientização dos processos formativos e profissionais.

Além disso, constitui-se como um espaço de formação ética e política, pois a partilha das narrativas torna visíveis saberes e experiências que contribuem para a transformação social no âmbito escolar, valorizando a co-construção do conhecimento, envolvendo interlocuções entre pesquisadores e participantes que dialogam sobre suas histórias, abrindo espaço para a

emergência de múltiplas vozes e perspectivas (Suárez, 2021). Assim, na formação de professores da educação infantil, a pesquisa narrativa atua como dispositivo de formação ao permitir que os(as) docentes revisitem e tematizem suas experiências, construindo coletivamente saberes que potencializam as práticas pedagógicas e o protagonismo docente.

Esta pesquisa narrativa surgiu da necessidade de compreender as experiências pedagógicas das professoras da educação infantil a partir de seus saberes e trajetórias pedagógicas. Mais do que um método, a narrativa se revelou um caminho para acessar memórias, sentimentos e significados que atravessam a docência, permitindo que essas docentes ressignificassem suas práticas e experiências. Para isso, utilizamos a Documentação Narrativa de Experiência Pedagógica. Trata-se de um dispositivo político-epistemo-metodológico vinculado à *pesquisa formação* que mobilizada a (re)construção da memória pedagógica dos(as) docentes a partir do relato narrativo dos acontecimentos cotidianos da escola (Rios, 2022). Tem como princípios a horizontalidade, alteridade, inclusão, dialogicidade e a ancestralidade, que suscitem aprendizagens para aprender a perceber, ouvir e conhecer o que pulsa nas experiências pedagógicas produzidas por diferentes saberes que atravessam o cotidiano escolar. Assim, a documentação narrativa de experiência pedagógica fundamenta-se no vivido, em que o narrar se constitui em movimentos de autoformação, coformação e conformação. Conforme Suárez (2007, p. 16),

La relevancia que adquiere la documentación narrativa de las propias experiencias escolares por parte de los docentes radica en el enorme potencial que contienen estos relatos pedagógicos, para enseñarnos a interpretar el mundo escolar desde el punto de vista de sus protagonistas. De esta manera, al tejer sus narraciones los docentes se comunican su sabiduría práctica y, al mismo tiempo, permiten a otros destierjelas para volver explícito lo implícito y comprender qué hay detrás de esa sabiduría. Es decir, la narrativa estructura la experiencia, y los relatos son una forma de conocerla, reflexionar sobre ella, transmitirla y compartirla con otros.

Nesse caso, a narrativa - materializada no relato pedagógico - é concebida como modo de conhecer e interpretar a vida escolar, articulando dimensões individuais e coletivas da prática pedagógica. Dialogando com a abordagem hermenêutica e fenomenológica, a documentação narrativa

sustenta-se na ideia de que o vivido, quando narrado, não apenas é reconstituído, mas também ressignificado, gerando deslocamentos de olhar e a produção de novas compreensões sobre a docência.

Assim, a documentação narrativa de experiências pedagógicas se consolida como um dispositivo fundante para a pesquisa narrativa e (auto)biográfica, pois permite transformar o cotidiano escolar em espaço de reflexão e produção de conhecimento. Ao registrar e interpretar as práticas, não se trata apenas de descrever acontecimentos, mas de criar condições para que docentes sejam reconhecidos(as) como sujeitos de experiência e de saber. Nesse movimento, a narrativa pedagógica adquire densidade formativa, ao mesmo tempo em que revela as dimensões éticas, estéticas e políticas que atravessam a docência e configuram a educação infantil como campo de invenção pedagógica.

O itinerário de constituição da documentação narrativa (escrever-ler-tematizar-reescrever-publicizar) implica compreender o cotidiano escolar como lugar de escuta, registro, interpretação e ressignificação da experiência. Trata-se de um processo hermenêutico que parte do vivido, passa pela escrita e pela leitura coletiva e retorna à prática, instaurando novos sentidos para o que se faz e se pensa na escola. Esse percurso abre caminho para situar a *tematização da experiência* como etapa fundamental, na medida em que permite elaborar, problematizar e aprofundar as questões que emergem do vivido, configurando-as como objetos de reflexão crítica e de formação docente.

Tematização das narrativas pedagógicas

Tematizar pedagogicamente os relatos narrativos significa refletir de forma coletiva, dialógica e hermenêutica sobre os saberes construídos no cotidiano escolar. Nesse sentido, a tematização pedagógica das narrativas mobiliza a capacidade de aprofundar e expandir os sentidos das experiências pedagógicas construídos durante o processo de *pesquisa-formação*. Configurou-se, dessa forma, como um momento de reconstrução e disponibilização pública dos sentidos, compreensões e interpretações desenvolvidas pelos(as) docentes. Muitas vezes, aquilo que aparentava ser apenas um relato cotidiano

ou uma experiência isolada mostra-se conter um problema pedagógico ainda não identificado ou mesmo uma situação valorizada.

Argnani e D'Ávila e Suárez (2021) explicitam que a tematização pedagógica pode ser caracterizada como resultado de um trabalho hermenêutico realizado pelos(as) próprios(as) narradores(as), uma interpretação que emerge da leitura atenta dos relatos, revelando saberes pedagógicos fundamentais ao cotidiano escolar. De acordo com os autores, trata-se de um processo reflexivo que promove a análise coletiva das experiências, permitindo sua reconstrução e compreensão como fontes legítimas de conhecimento pedagógico. Ao identificar núcleos de sentido, esse movimento favorece uma prática investigativa e crítica, fortalecendo a formação docente e ampliando a consciência sobre o fazer educativo.

Assim, interpretar coletivamente cada narrativa pedagógica significa atribuir-lhe sentidos que, a princípio, podem parecer desconexos ou invisíveis, desvendando gradativamente camadas ocultas de significado. Muitas vezes, aquilo que parecia trivial ou insignificante começa a se revelar como um desafio educacional que exige reflexão e análise crítica. Ou seja,

A tematização pedagógica pode ser caracterizada como fruto do trabalho hermenêutico realizado pelos próprios narradores, uma interpretação surgida da leitura dos relatos que a modo de hipótese, permite construir como um problema pedagógico, algo que não se havia revelado como tal ou que se encontra, selecionado, secreto ou dissimulado (Faria; Bragança, 2018, p. 97).

Esse processo hermenêutico, entendido como a busca por sentidos ocultos, possibilita a transformação de uma experiência vivida em uma questão pedagógica, trazendo à tona aspectos anteriormente encobertos pela rotina escolar. Dessa forma, a interpretação, nesse contexto, não poderia ocorrer de forma isolada ou unilateral. Tornou-se fundamental criar um espaço coletivo de escuta e reflexão, no qual fosse possível, conjuntamente, respeitar a singularidade de cada relato de experiência e, simultaneamente, construir sentidos compartilhados.

Para tanto, optou-se pelo emprego do dispositivo da roda de conversa, que propiciou um ambiente favorável à interpretação coletiva, à escuta sensível e à ressignificação pedagógica das experiências vividas. Além disso, essa

metodologia configurou-se como um espaço de formação continuada, troca de saberes e experiências, onde as professoras narradoras tiveram a oportunidade de expressar-se livremente, ouvir atentamente os pares e refletir criticamente sobre suas práticas. Ademais, a roda de conversa favoreceu uma relação horizontal e de confiança, condição imprescindível para a construção coletiva do conhecimento e para a ativação de memórias e saberes antes silenciados. Por meio desse instrumento metodológico, foi possível realizar a tematização pedagógica, aprofundar o diálogo, estabelecer conexões entre as narrativas, revelar saberes ocultos e construir uma análise colaborativa que enriqueceu a compreensão das experiências docentes no contexto da educação infantil.

As rodas de conversa promoveram o que Gadamer (2007) denomina como uma fusão de horizontes, um processo que se realiza na vivência da relação eu-tu. Esse tipo de encontro só se torna possível quando há uma abertura genuína para o outro: a disposição de escutar sua voz, acolher seu texto com respeito e reconhecer o seu horizonte histórico como legítimo e singular. A alteridade, nesse contexto, não é apenas um conceito, mas uma prática viva que atravessa cada gesto, cada palavra e cada silêncio compartilhado. Nesse cenário, as rodas de conversa tornaram-se esse espaço privilegiado para repensar a docência, possibilitando a problematização e a reflexão dos saberes que emergiam das narrativas compartilhadas. Elas não apenas propiciaram o contato com a experiência vivida, mas também ampliaram as possibilidades de significar e ressignificar essas vivências, numa dinâmica horizontal, sensível e crítica. Como afirmou Freire (1991, p. 16), trata-se de “participar coletivamente da construção de um saber, que vai além do saber de pura experiência feito, que leve em conta as suas necessidades e o torne instrumento de luta, possibilitando-lhe transformar-se em sujeito da sua própria história”.

Consequentemente, as rodas de conversa contribuíram diretamente para o processo de tematização das narrativas, atuando como um suporte fundamental na organização das ideias e na mediação dos conflitos, no esclarecimento de dúvidas e, sobretudo, na vivência de um processo singular, formativo e coletivo capaz de impactar e transformar cada sujeito envolvido. Nesse sentido, foram delineados passos e momentos estratégicos de escuta atenta, diálogo aberto e produção conjunta de sentidos, orientando a condução dos encontros mediante as seguintes etapas:

a) compartilhamento, com a leitura dos relatos prontos: esse primeiro momento foi dedicado à escuta atenta dos relatos construídos pelas professoras colaboradoras. Nesse espaço, cada participante pôde compartilhar sua experiência pedagógica em um ambiente acolhedor, livre de julgamentos, de modo a fortalecer o vínculo entre vivência pessoal e profissional. A escuta foi entendida como uma abertura ao outro, elemento essencial para a interpretação coletiva;

b) reflexões sobre o texto, cartografando os saberes pedagógicos produzidos nas experiências com a diversidade na educação infantil: após a escuta das narrativas, passamos à identificação dos núcleos de sentido, ou seja, temas, tensões ou questões pedagógicas que emergiram dos relatos. As professoras faziam reflexões e, para auxiliá-las nesse movimento, as guiamos com perguntas como: como a diversidade enredou as experiências pedagógicas? Quais experiências pedagógicas foram eleitas? Quais saberes foram produzidos? Como esses saberes produzem sentidos sobre a diversidade na educação infantil? Com isso, as participantes dialogaram sobre os núcleos identificados, propondo interpretações, resgatando sentimentos e fazendo conexões com outras experiências. O objetivo foi ir além da descrição dos fatos, buscando compreender os sentidos subjacentes às experiências relatadas;

c) discutir e sinalizar pontos-chave, apresentando três palavras-chave de cada narrativa: a escolha dos termos foi feita individualmente e depois compartilhada no grupo. Dessa maneira, promoveu reflexões e criou um arcabouço de ideias para a construção dos prólogos coletivos;

d) escolher coletivamente o título da narrativa apresentada: também foi um momento importante, pois, a cada título sugerido, ocorreram interpretações coletivas do que continha nele e que refletiam na ideia principal do texto. O individual inter cruzou o coletivo;

e) apresentação individual do resumo da narrativa e criação coletiva do prólogo para cada narrativa: os registros revelaram a profundidade do processo formativo e a potência da tematização como método de pesquisa e formação.

Com a constituição das rodas, podemos observar algumas situações de tematizações das narrativas pedagógicas construídas ao longo da *pesquisa formação*. Trazemos aqui a cena narrativa documentada que foi construída a partir da narrativa pedagógica intitulada *Sementes de infâncias*:

Cultivando aprendizagem em territórios de desafios, escrita pela docente Zenir Santos. Durante a leitura da sua narrativa, as professoras se mantiveram atentas e emocionadas a cada trecho lido e ao término a professora Zenir foi interpelada por reflexões e questionamento feito pela professora Aline:

Colega, o seu relato traz muitas aprendizagens e provoca reflexões profundas. Percebo que, além de um forte compromisso com as crianças, há em você um amor imenso por elas. Ao ler suas palavras, fui tocada por esse seu sonho de promover uma Educação Infantil mais humana, sensível e respeitosa. Acredito que trabalhar com crianças nos convoca diariamente a sermos melhores, a repensar nossas intenções, a buscar caminhos que ofereçam experiências significativas, e não apenas atividades prontas e engessadas. Diante disso, te pergunto: de que formas o desejo de criar um espaço mais leve, atrativo e acolhedor para as crianças também nos transforma como educadoras e nos faz repensar nossas práticas cotidianas diante das infâncias diversas que nos atravessam?"

A professora Zenir ao retomar o processo da escrita da sua narrativa, respondeu:

[...] ,o desejo de criar um espaço mais leve, atrativo e acolhedor nos transforma porque nós somos responsáveis a olhar para cada criança em sua singularidade e isso inclui encarar de frente os desafios, principalmente quando somos atravessadas por infâncias que fogem dos padrões esperados, como as das crianças autistas. Isso nos torna mais responsável com a profissão que escolhemos e amplia a nossa visão para o outro. No cotidiano, esse desejo de transformar muitas vezes esbarra em dificuldades reais: ausências dos familiares, lidar com crises, com a resistência à mudança de rotina, com dificuldades na comunicação ou com a falta de recursos, estrutura, apoio e formações adequadas para acolher essas infâncias com o respeito que merecem.[...]

O diálogo entre as professoras narradoras nos convida a pensar sobre as infâncias que chegam até nós. Convida-nos a abrir espaço para a pergunta: *Quem é esse outro? Quem são essas crianças e o que podemos, de fato, proporcionar a elas?* Diz muito sobre o que a professora Zenir expressa em sua fala: que há uma relação profunda entre o ambiente criado para as crianças e o próprio processo formativo das educadoras. Ao acolher a diversidade e valorizar a escuta, ela nos leva a pensar para se caminhar coletivamente para construirmos espaços educativos infantis mais respeitáveis, sensíveis, éticos e humanos.

A narrativa da professora Zenir fala sobre todas nós. Sobre os saberes que construímos, os sentidos que traçamos, sobre o que aprendemos com as infâncias e o que descobrimos de nós mesmas, como professoras da Educação Infantil, como pesquisadoras e, sobretudo, como humanas, quando escutamos com atenção as histórias de quem educa com o coração aberto para as infâncias. O relato da professora narradora não ficou apenas nela: ele tocou as demais professoras colaboradoras da pesquisa, convidando-as a revisitar os caminhos já percorridos e a sonhar aqueles que ainda estão por vir. É a partir desse entrelaçamento de experiências,, que vamos construindo conceitos que ultrapassam os modelos prescritos: conceitos marcados por autoria, humanidade, afeto e respeito. Nessa (auto) (co) (con)formação, a docência é levada a aprendizagens significativas e a buscar o dissenso, mostrando caminhos oportunos para se pensar em como criar um espaço educacional mais leve, atrativo, equitativo e acolhedor. e como é importante manter um olhar e escuta atento e crítico para as crianças desse espaço .

Outro relato narrativo traduz o movimento de tematização e (re)interpretação dos saberes construídos na narrativa pedagógica, evidenciando como a reflexão coletiva conduz novas compreensões sobre a prática docente. Podemos observar o que nos relata Renata¹:

Compartilhar minha narrativa sobre a questão de gênero e ser provocada pelos comentários de vocês me permitiu enxergar minha experiência pedagógica com minha turminha de uma forma completamente diferente. Percebi que aquela experiência, que antes eu via como parte da rotina ou como um simples movimento pedagógico, na verdade me convidava a sair do lugar comum e repensar minha prática. Hoje entendo que as reflexões surgidas nesse processo me conduziram a novos caminhos, ampliando os sentidos e significados da minha atuação como educadora. Me sinto privilegiada por essa construção de saber, que até então não tinha tanto sentido assim (Renata, 2025)².

A partir de sua fala, é possível perceber como o processo de escuta, partilha e interpretação coletiva da sua narrativa contribuiu para tornar o implícito em explícito (Suárez, 2007), bem como para ressignificar a prática docente,

¹ A publicização dos nomes das professoras foi autorizada pelo Comitê de Ética em Pesquisa após inserção de autorização realizada pelas docentes.

² Relato da professora Renata, durante roda de conversa realizada virtualmente na plataforma Google Meet, em abril de 2025.

revelando que o cotidiano escolar, muitas vezes subestimado, está repleto de potencialidades formativas e pedagógicas. Dessa forma, tematizar pedagogicamente uma experiência não significa apenas narrá-la, mas interpretá-la de maneira crítica, questionando e reconstruindo seu significado. O olhar atento e investigativo das professoras narradoras pode transformar as narrativas em uma fonte valiosa de aprendizado e reflexão. Nesse aspecto, a tematização promove esse movimento contínuo de imersão e reflexão, no qual as ideias não são apenas transmitidas, mas também questionadas e reformuladas.

Desse modo, os saberes que emergem desta *pesquisa-formação* não são resultados de uma análise solitária, mas, sim, fruto de um esforço coletivo de construção, em que cada contribuição lança nova luz sobre a compreensão do tema. Esse caráter compartilhado do conhecimento tornou-se evidente durante uma das rodas de conversa, quando a professora Aline, após concluir a leitura de sua narrativa, foi interpelada por uma colega emocionada:

– Aline, você percebeu que sua atitude diante de Mateus convocou todos à sua volta para uma mudança de pensamento, para uma nova forma de olhar e valorizar o outro? Quantas transformações você provocou em quem estava ao seu redor! Você foi a única que acreditou naquela mãe, que viu em Mateus a possibilidade de ir além! Foi a única que ousou desacreditar dos rótulos que o classificavam como incapaz. Você fez uma criança com TEA acreditar em si mesma, e mais do que isso, aprender. Que honra conhecer seu relato! (Renata, 2025).

Esse momento, em que a tematização pedagógica revela atravessamentos tensionados por reconhecimento e afeto, desencadeia um movimento contínuo de reflexão e imersão, revelando saberes antes silenciados e evidenciando a potência das narrativas compartilhadas. Os deslocamentos provocados por essas histórias são capazes de mobilizar reflexões profundas, tocar afetivamente e transformar tanto quem escreve quanto quem escuta, instaurando um espaço de escuta sensível e de construção coletiva de sentidos.

Nesse contexto, a tematização se revela como um processo fundamental nas discussões entre pares. De acordo com Suárez *et al.* (2021), tematizar significa construir núcleos de sentido a partir das histórias narradas, ideias centrais que condensam significados e formas de ver o mundo, emergindo das experiências pedagógicas vividas. Esses núcleos, portanto, permitem uma

análise mais profunda e abrangente dos acontecimentos relatados, de modo a facilitar a compreensão e interpretação das práticas, e a contribuir, de forma concreta, para a criação de novos conhecimentos e para a reinvenção da ação docente.

Diante disso, tal dimensão da tematização torna-se visível quando, durante uma das rodas de conversa entre as professoras narradoras, a professora Zenir pergunta à professora Aline quais sentidos a experiência com seu aluno, diagnosticado com Transtorno do Espectro Autista (TEA), trouxe para sua vida profissional e pessoal. A resposta de Aline nasce atravessada por uma tomada de consciência, um saber que, até então, permanecia adormecido dentro de si, por estar naturalizado em meio à rotina intensa da docência na educação infantil. Com emoção, ela compartilha:

Olha, colega... a gente sabe o quanto a dinâmica da docência na educação infantil nos deixa cega, né? Para mim, o que fiz com Mateus, garantir sua inclusão, mesmo que de forma parcial, dentro das possibilidades que a escola me oferecia, antes desse momento de escrita e reflexão, era algo que eu via como comum. Algo que qualquer professora que realmente pensa e se importa com as crianças faria, independente de como elas sejam. Mas agora, olhando com mais atenção, vejo que o sentido que Mateus trouxe para minha constituição como professora é muito maior do que eu imaginava. Fiz tantas coisas com ele... e depois dele! Eu me reconstruí. Entendi que ensinar é isso: é ir além das possibilidades que nos são oferecidas. Ensinar é um processo contínuo de aprendizagem, adaptação, doação, amor e compaixão (Aline, 2025).

O depoimento da professora Aline mostra a força que a narrativa tem de ressignificar a prática. Ao revisitar sua experiência, ela não apenas reconhece o impacto de suas ações, mas também transforma esse reconhecimento em conhecimento pedagógico, um saber que nasce do vivido, mas só se torna consciente no encontro com o outro e no movimento coletivo de reflexão. Além disso, Rios (2022) diz que o vivido se reveste de outras políticas de sentidos, demarcadas por reflexões que extrapolam o universo circunscrito à sala de aula. Dessa forma, passa-se do mundo vivido para o mundo do texto, configurando o movimento de auto/con/formação.

Outra experiência colhida na pesquisa com a tematização pedagógica da narrativa ocorreu quando uma professora narradora compartilha de maneira tensa uma expressão que, ao ser lida no grupo da roda de conversa, causou

certo estranhamento: *“Tudo parecia fluir tranquilo até que Enzo pegou uma boneca...”* Para as outras professoras, que ouviam atentamente a leitura do relato feito por Renata, a frase carregava uma tensão ainda velada, uma inquietação silenciosa sobre o que significava, afinal, aquele “tranquilo”. No texto, a professora Renata não explicava, de imediato, o motivo dessa afirmação. Mas, durante o processo de tematização entre as professoras, enquanto cada uma apresentava o texto que havia escrito, a professora Zenir, que também participava da roda, não deixou a questão passar: *“Renata, por que tudo parecia fluir tranquilo? O que era esse ‘tranquilo’?”* A pergunta ecoou no grupo. E, junto dela, surgiu outra indagação: *a escolha da boneca também tirou a sua tranquilidade?* Ao ser interpelada, Renata refletiu e respondeu:

O tranquilo era aquilo que estamos acostumados a ver: meninos brincando com coisas de meninos, meninas brincando com coisas de meninas. O tranquilo era seguir o que sempre foi, seguir o automático do que está posto, estamos tão envolvidas que mesmo sem sentir determinamos o que é de menino e menina, isso já se torna natural em nossas rotinas em sala de aula. Mas, naquele momento, eu me vi desafiada, instigada a pensar sobre as minhas próprias práticas na sala de aula. (Renata, 2025)

A escolha da boneca, feita por Enzo, convocou a professora Renata a olhar mais fundo. Aquela cena simples, cotidiana, se transformou em um convite ou talvez, uma cobrança, para que ela refletisse: *Será que aquele era o momento certo para falar sobre isso? Será que crianças tão pequenas entenderiam? Será que era o “tema adequado”? Eu deveria intervir... ou apenas deixar passar?* Renata percebeu, ali, que aquela boneca, nas mãos pequenas de Enzo, era enorme no que representava. Não era apenas um brinquedo: era símbolo, era possibilidades, era transgressão. Era um pedido silencioso para que a escola e ela própria, se tornasse um espaço de liberdade, de diálogos, de possibilidades. Durante o processo de tematização, enquanto as professoras narradoras imaginavam a cena, perceberam em Renata um certo receio, uma hesitação. Ao final da leitura de sua narrativa, a professora Aline não hesitou em perguntar:

Colega, sinto que esse questionamento que você traz na sua história... mesmo vendo que algumas crianças estranharam a escolha de Enzo, percebo que você sentiu um certo receio de abordar as questões de gênero que surgiram ali, no meio da sala. O que te afligiu naquele momento?

Renata franziu a testa, pensativa, e respondeu:

Sim, colega... houve, sim, um misto de sentimentos naquele momento. Talvez não medo... mas uma preocupação. Uma inquietação. Fiquei me perguntando: como abordar um assunto que não fomos ensinadas a planejar, a discutir, a trabalhar com as crianças, sabe? A gente não escolheu isso como prioridade. Elegemos outras coisas. E só falamos sobre gênero quando algo 'sai da linha', quando algo 'destoa', como aconteceu ali, no Cantinho dos Mascotes. Mas Enzo... ele me provocou. Me provocou a pensar que isso deveria acontecer sempre, em pequenas ações, em pequenos gestos. Para que, aos poucos, as crianças entendam que somos diferentes, mas que ninguém é melhor ou mais importante que o outro. Quando vi os risos, os cochichos, ao ele escolher a boneca, algo acendeu um farol dentro de mim... sobre como essas crianças já carregam ideias sobre o que é ser menino e o que é ser menina nesse mundo.

O que a professora Renata traz em sua narrativa revela uma certa preocupação para estabelecer um diálogo com as crianças sobre gênero com também evidencia quais percepções que as crianças carregam sobre o que é ser menino e ser menina na nossa sociedade. Visto isso, cabe explicitar que, para que o processo de tematização pedagógica ocorresse de maneira significativa, foi necessário que o grupo de professoras narradoras atuassem de forma coletiva. Esse movimento envolveu, inicialmente, a construção da tematização, a partir dos relatos de experiências, com atenção especial às questões e problemáticas que emergiam dos textos.

Nesse cenário, as narrativas documentadas e tematizadas criaram condições para que as professoras mobilizassem reflexões e sentidos diante de suas experiências pedagógicas, gerando, dessa forma, um processo de auto/co/conformação, a partir das rodas de conversa sobre a produção construída. Como afirma Rios (2020, p. 22),

As experiências narradas ganham centralidade na reconstrução do saber pedagógico, na ativação da memória da escola e na intervenção do campo educativo. Ao narrar as experiências pedagógicas a partir da artesanidade das práticas, são tecidos saberes que desvelam outras ontologias nos modos de ser professor. Instaura-se um movimento de co-presença e co-pertença às formas de conhecer o mundo escolar a partir do que é construído na fissura do sistema educacional.

Assim, ao revisitar, narrar e refletir coletivamente sobre suas práticas, as professoras não apenas constroem saberes e se tornam autoras de suas

histórias, ativando memórias e reconhecendo sentidos antes silenciados, mas também inauguram novas formas de estar no espaço educativo, reafirmando seu pertencimento a ele. Logo, o que se desenhou nesse percurso foi mais do que uma análise coletiva sobre o fazer docente, mas a construção de um espaço de escuta, afetação e transformação, no qual o saber pedagógico se reinventa a partir da experiência, da alteridade e da presença do outro. Um processo potente que contribui diretamente para a pesquisa narrativa e (auto)biográfica e para a reconstrução do ser professora, que resiste, afirma e transforma.

Considerações finais

Narrar as experiências vividas em sala de aula, com suas dores, encontros, desafios e reinvenções é mais do que um exercício de memória ou montagem de um *mosaico/enredo*: é um gesto auto/co/conformativo. É nesse movimento que a narrativa se torna uma experiência formadora: porque ao reler os caminhos já trilhados, podemos vislumbrar novas rotas, perceber sentidos antes invisíveis e abrir-nos ao inacabado que ainda pulsa em cada experiência pedagógica contada ou silenciada. Ao narrar suas experiências, e serem provocadas por reflexões elas desvelaram o que antes permanecia oculto, subjetivo, guardado nos interstícios de suas vivências. A escrita e leitura mediada por escuta e diálogo, permitiu que atribuísem novos sentidos às palavras e aos acontecimentos, conferindo-lhes densidade, presença e potência no processo investigativo.

É nesse movimento de dizer e escutar, de refletir e sentir, que tecem coletivamente uma trama de saberes e sentidos. Entre vozes, olhares e afetos, o que se constrói é uma pesquisa viva pulsante, sensível e aberta que se deixa afetar pelas histórias que acolhe e que, em sua escuta, também transforma. Nesse movimento, suas vozes ganharam corpo e autoria; seus percursos, antes em sombra, foram iluminados; e suas experiências tornaram-se matéria viva para pensar a docência como um lugar de produção de sentidos, enfrentamentos, transgressões resistências, tensionamentos e reinvenções.

No percurso metodológico, as professoras revelaram e desvelaram suas vivências na Educação Infantil, tendo a diversidade e a diferença como fios

condutores de suas narrativas e reflexões. Em seus relatos, emergem fragmentos de trajetórias marcadas por uma pedagogia ladrilhada por desafios que rompe com os moldes tradicionais, que desconstrói referências dominantes e que se abre à invenção de novas possibilidades uma pedagogia que aposta em práticas transformadoras, comprometidas com outras formas de ser e viver a infância na contemporaneidade.

A construção de sentidos vivenciada pelas professoras participantes desta pesquisa revelou-se um caminho tecido por partilhas, escutas e gestos de solidariedade. Foi no exercício da tematização pedagógica, entre pares, que elas puderam nomear dores, dividir silêncios e reconhecer-se nas experiências umas das outras. Nesse entremeio, estive presente como pesquisadora-participante, engajada no processo investigativo não apenas como observadora, mas como alguém implicada na escuta, no diálogo e na construção coletiva de significados. O ato de colocar as experiências em diálogo possibilitou não apenas a construção de um território de afeto e confiança, mas também a ressignificação de saberes e trajetórias.

Ao relatar sobre suas experiências pedagógicas, elas não estavam apenas registrando memórias, mas também criando um caminho para interpretar o mundo escolar a partir do olhar de quem o vivencia diariamente, promovendo, paralelamente, uma troca de saberes para aquelas estudantes iniciantes do curso de Pedagogia. Ao tecer as narrativas, elas compartilham saberes pedagógicos e, ao mesmo tempo, permitem que outros desvendem o que está por trás deles,. A narrativa, então, se torna mais do que um simples relato; ela estrutura as experiências, permite refletir sobre elas, transmite aprendizados e compartilha com outros, bem como amplia a compreensão coletiva sobre a prática docente.

Referências

ARGNANI, Agustina; DÁVILA, Paula. Problematización y conceptualización de las prácticas educativas desde los relatos de experiencias docentes: Un laboratorio para la exploración y la tematización pedagógicas. **RAIN**, v. 1, n. 1, p. 123-138, 2021. Disponível em: <https://fh.mdp.edu.ar/revistas/index.php/rain/article/download/4694/5140>. Acesso em: 18 maio 2025.

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. Pesquisa formação narrativa (auto) biográfica: trajetórias e tessituras teórico-metodológicas. *In*: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; CUNHA, Jorge Luiz da; BÔAS, Lúcia. Villas (org.). **Pesquisa narrativa (auto) biográfica**: diálogos epistêmico-metodológicos. Curitiba: CRV, 2018. p. 65-81.

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa narrativa**: experiência e história em pesquisa qualitativa. 2. ed. Uberlândia: EDUFU, 2011.

FARIA, Juliana Batista; BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas: a tematização como trabalho hermenêutico da pesquisa. **Educação Temática Digital**, Campinas, v. 27, e025011, 2025. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8677357/35717>. Acesso em: 5 nov. 2024.

FREIRE, Paulo. **A educação na cidade**. São Paulo: Cortez Editora, 1991.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método I**: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

RIOS, Jane Adriana Vasconcelos P. (org.). **Documentação narrativa de experiências pedagógicas**: por outros movimentos insubmissos da formação docente na educação básica. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022.

RIOS, Jane Adriana Vasconcelos Pacheco. De aluno a professor: encontros (bio)gráficos com a docência na educação básica. *In*: VICENTINI, Paula Perin; CUNHA, Jorge Luiz da; CARDOSO, Lilian Auxiliadora Maciel (org.). **Experiências formativas e práticas de iniciação à docência**. Curitiba: CRV, 2016. p. 29-41.

RIOS, Jane Adriana Vasconcelos Pacheco. Narrativas de experiências pedagógicas: território de (re) existência na formação docente. **Rutas de formación: prácticas y experiencias**, n. 11, p. 15-24, 2020.

SUÁREZ, Daniel. **¿Qué es la Documentación Narrativa de Experiencias Pedagógicas?**: Colección de Materiales Pedagógicos. Buenos Aires: MECyT, 2007.

SUÁREZ, Daniel Hugo; DÁVILA, Paula; ARGNANI, Agustina; CARESSA, Yanina. **Documentación narrativa de experiencias pedagógicas**: una propuesta de investigación-formación-acción entre docentes. Buenos Aires: FFyL/UBA, 2021. Disponível em: <http://publicaciones.filo.uba.ar/sites/publicaciones.filo.uba.ar/files/Documentacion%CC%81n%20narrativa%20de%20experiencias%20pedago%CC%81gicas.pdf>. Acesso em: 14 ago. 2024.

SUÁREZ, Daniel. Prefácio: Comentarios de lectura em conversación con uma obra pedagógica. *In*: RIOS, Jane Adriana Vasconcelos P. (Org.). **Documentação narrativa de experiências pedagógicas**: por outros

movimentos insubmissos da formação docente na educação básica. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. p. 9-20.

Editor(a) responsável: Magda Floriana Damiani

Recebido em: 15/10/25

Aceito em: 22/08/26

Jane Adriana Vasconcelos Pacheco Rios

Doutora em Educação. Professora Titular Plena da Universidade do Estado da Bahia- UNEB. Professora pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade. Líder do Grupo de Pesquisa DIVERSO-Docência, Narrativas e Diversidade na Educação Básica. Coordenadora da Rede FORMAD - Formação, narrativas e experiências.

 jrios@uneb.br

 <http://lattes.cnpq.br/3121355215701703>

 <http://orcid.org/0000-0003-1827-3966>

Daniela Almeida de Oliveira Lima

Mestre em Educação. Professora da Educação Básica. Secretaria Municipal de Educação de Salvador. Grupo de Pesquisa DIVERSO - Docência, Narrativas e Diversidade na Educação Básica.

 daniolliveira2713@gmail.com

 <http://lattes.cnpq.br/3083395611258600>

 <http://orcid.org/0009-0005-0383-4179>